

Cultura material greco-romana: algumas reflexões acerca do ensino e pesquisa de Arqueologia Clássica no Brasil

*Greco-Roman material culture:
some reflections on the teaching and research of Classical
Archaeology in Brazil*

Renata Senna Garraffoni*

Resumo: Nas últimas duas décadas os Estudos Clássicos no Brasil tem encarado muitas mudanças. Embora haja um aumento nos estudos de grego e latim em diferentes universidades públicas brasileiras, melhorando sensivelmente a qualidade das pesquisas sobre a história greco-romana no país, o estudo da cultura material e Arqueologia ainda estão legadas a um segundo plano. Nesse sentido, a presente reflexão tem por objetivo discutir o ensino de História Antiga no Brasil e propor novas possibilidades de se pensar a História greco-romana a partir da teoria pós-colonial.

Abstract: In the two last decades Classical Studies have been facing new challenges in Brazil. Although one can find much more opportunities to study Greek and Latin in different public universities spread all over the country what improves local knowledgment on Ancient History, the study of Classical Archaeology remains in second plan. In this context, the aim of this paper is to discuss how Classical History has been taught at some Brazilian universities and to propose some approaches on Classical Archaeology considering post-colonial theory.

Palavras-chave:

Estudos Clássicos no Brasil;
Arqueologia Clássica;
Teoria pós-colonial.

Keywords:

Classical Studies in Brazil;
Classical Archaeology;
Post-colonial theory.

Recebido em: 17/10/2013
Aprovado em: 22/11/2013

* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Atualmente é professora Associada na Universidade Federal do Paraná.

Introdução

Em agosto de 2013 fui convidada para participar do *Fórum Antiguidade Greco-romana e o Ensino Superior: instrumentos e perspectivas*, realizado na Unicamp a partir de uma parceria entre o Centro de Estudos Clássicos do IEL (CEC-IEL) e Centro do Pensamento Antigo (CPA-Unicamp). O *Fórum* visava a uma reflexão sobre como a Antiguidade greco-romana está sendo abordada no Ensino Superior brasileiro atualmente e, para tanto, vários professores e pesquisadores das áreas de História Antiga, Filosofia Antiga e Letras Clássicas se reuniram e discutiram sobre diferentes temas, em especial os avanços e desafios que a área enfrenta no país. Todo o evento foi transmitido ao vivo pela TV da Unicamp e contou com um público bastante amplo.¹

Com o auditório lotado e considerando a repercussão do evento entre os estudantes, essa iniciativa me chamou a atenção não só pela disposição das pessoas em conversar sobre ensino universitário, algo raro em nosso meio, mas também por indicar alterações no panorama brasileiro acerca dos Estudos Clássicos. Nas últimas três décadas, esse campo se desenvolveu muito no Brasil e, seguramente, participar do *Fórum* foi motivo de grande alegria, pois sua realização expressa o fortalecimento da área no país e, também, implica em uma posição importante da Unicamp no sentido de buscar a construção de diálogo, de projetos coletivos e interdisciplinares. De uma forma mais ampla e em conjunto com a comunidade extra-acadêmica, entendo, portanto, esse *Fórum* como um momento inspirador por aprofundar vários dos pressupostos do CPA e visar, principalmente, à produção de conhecimento de forma democrática, autônoma e profissional.

Na ocasião, eu apresentei uma breve reflexão acerca da relação entre História e Arqueologia Clássica, tema que tenho me dedicado a estudar desde o doutorado. Nesse sentido, o presente artigo é uma versão aprofundada do que foi debatido no *Fórum*, visando não só a uma discussão teórica sobre a importância da cultura material para se entender o cotidiano greco-romano, mas também divulgar e incentivar novas pesquisas na área de Arqueologia Clássica no Brasil.

¹ Detalhes sobre o evento, cf. os sites: <http://foruns.bc.unicamp.br/foruns/>; <http://www.iel.unicamp.br/destaques/nota351.php> e as entrevistas dos participantes em: <http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/video/27HR433X9OHG/>

Cultura material e ensino engajado

Recentemente, em um texto que escrevi em parceria com Pedro Paulo Funari e Renato Pinto (2010), destacamos vários pontos que são pertinentes para pensar os avanços dos Estudos Clássicos no Brasil e, por isso, gostaria de retomar alguns aspectos aqui, mesmo que resumidamente. Minha ideia é, a partir dessas considerações, pensar a cultura material greco-romana como meio de produzir abordagens críticas à História da Grécia e de Roma, mesmo sem a possibilidade de ir a campo com nossos alunos de graduação. Acredito que seja uma maneira instigante de pensar a relação passado e presente, como também problematizar a perspectiva de origem do pensamento ocidental como homogênea e vinculada a valores das antigas elites. Para tanto, divido minha exposição em dois momentos: primeiramente retomo alguns desses argumentos, em especial sobre as possibilidades de trabalhar com Arqueologia Clássica no Brasil para, em um segundo momento, discutir a importância do diálogo desta com as abordagens pós-coloniais para a produção de conhecimento e desenvolvimento com os/as alunos/as do curso de História. Essa segunda parte é inspirada em projetos e trabalhos realizados a partir de minha experiência como docente na UFPR desde 2004.

Sem dúvida alguma, como já foi comentado, nas últimas três décadas professores formados na Usp, UFRJ, UFF, UFMG, UFRS, UFPel, Ufes, UFG, Unicamp, só pra citar algumas instituições, vem trabalhando no sentido de construir uma estrutura mais sólida para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos no Brasil. Neste texto que comentei, redigido com Funari e Pinto, chamávamos a atenção para o fato de que as universidades públicas têm buscado contratar especialistas oriundos de programas de pós-graduação e investido em possibilidades de organizar as grades curriculares de maneira menos rígida, viabilizando o estudo das línguas clássicas. Nesse sentido, em várias universidades brasileiras os alunos dos cursos de História têm tido oportunidade para participar dos cursos de latim e grego, de Literatura Greco-romana e, também, dos cursos de Filosofia Clássica, auxiliando o conhecimento mais aprofundado dos textos greco-romanos, facilitando, portanto, o acesso à leitura e interpretação das obras na língua original.

No entanto, se por um lado essa estratégia permitiu uma maior aproximação dos textos clássicos e a possibilidade de novas abordagens baseada nos textos originais greco-latinos, por outro cabe destacar que pouca atenção foi destinada à Arqueologia, relegando a cultura material a um segundo plano. Comentamos, também, na ocasião que,

em um primeiro momento, é possível pensar que a maior dificuldade seria o acesso à cultura material e aos sítios arqueológicos que, por definição, encontram-se na Europa, África do Norte e Oriente Próximo. Mas uma análise mais cuidadosa indica uma série de outros problemas mais complexos que precisam ser analisados, pois é importante destacar que alguns museus brasileiros, como o MAE/USP ou o Museu Nacional do Rio de Janeiro, possuem coleções de peças do mundo clássico, como cerâmicas e moedas, por exemplo, ainda pouco estudadas por pesquisadores brasileiros.²

De certa forma, por mais que haja algum problema de acesso à cultura material greco-romana, tal situação tem sido suplantada de diferentes maneiras ao longo dessas décadas. Vejamos alguns exemplos: 1. Cada vez mais contamos com trabalhos integrados com grupos de pesquisas no exterior – vários pesquisadores ligados ao MAE/USP ou LAP/Unicamp tem parceiros com diferentes instituições europeias, no caso da Unicamp, o professor Funari é parceiro do CEIPAC há muitos anos e essa associação proporcionou intercâmbio de alunos da graduação e pós-graduação,³ facilitando o trabalho de campo em Barcelona e Roma; 2. Hoje em dia temos disponível uma maior quantidade de bolsas de estudos – a UFPR, por exemplo, tem bolsas para alunos que desejem fazer parte da graduação no exterior. No segundo semestre de 2013, temos dois alunos do curso de História (e integrantes do programa PET) que foram contemplados com bolsa de 6 meses para estudos na Europa,⁴ sem contar os incentivos ao doutorado-sanduíche ou integral no exterior oferecidos pela Capes, CNPq e, em São Paulo, o apoio da Fapesp; 3. Maior divulgação e incentivo ao estudo dos artefatos das coleções de Museus brasileiros ou da América Latina ainda bem pouco conhecidos, divulgados e pesquisados. Diante desse quadro mais atualizado, se há meios adequados para acesso à cultura material e à literatura sobre o tema (hoje em dia facilitado pelas bibliotecas de diferentes instituições no Brasil, por sites, catálogos *on line*, plataformas importantes como a Beazley – onde se encontram muitas imagens de ânforas gregas para estudos – o site do CEIPAC – ferramenta fundamental para entender sobre Arqueologia e Economia romanas, só para

² Com relação a moedas, Claudio Carlan, professor da Unifal-MG, tem publicado uma série de trabalhos de divulgação de catálogos com o intuito de incentivar jovens estudiosos a se interessarem sobre o tema. Cf. Carlan 2006a, 2006b, 2007, 2008.

³ Centro para el estudio de la interdependencia provincial en la Antigüedad Clásica situado em Barcelona, Espanha.

⁴ Willian Funke, orientando da prof. Marcella Lopes Guimarães, desenvolve iniciação científica em História da Igreja e arquitetura medieval foi para Lisboa e Alexandre Cozer, meu orientando, que trabalha com as representações de Priapo foi para Lyon, na França.

citar alguns exemplos), por que então a Arqueologia Clássica segue sendo pouco valorizada se compararmos a produção de conhecimento sobre textos?

Nessa reflexão a que me referi há pouco, produzida em conjunto com Funari e Pinto, argumentamos que a questão não é meramente de acesso à cultura material, mas tem um pano de fundo mais complexo. Por mais que no caso brasileiro exija-se um esforço extra e haja algumas particularidades de acesso à cultura material e aos sítios arqueológicos, a dificuldade de estabelecer um diálogo entre Arqueologia e História, não é uma exclusividade dos Estudos Clássicos no Brasil. Ray Laurence (2004), por exemplo, afirma que na Grã-Bretanha as pesquisas nestes dois campos correm quase em paralelo e nem sempre ocorre o diálogo, o que nos levou a pensar que a separação entre as disciplinas pode ser mais uma postura teórico-metodológica que uma dificuldade de acesso às fontes, pois implica em discutir a percepção de História e Arqueologia na qual o classicista é formado e, também, na sua postura diante da possibilidade ou não de concretizar este diálogo.

Como essa é uma questão importante, passo a explorá-la com mais vagar, pois acredito que a interdisciplinaridade é fundamental para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos no Brasil. Inicio ressaltando que parto do pressuposto segundo o qual a Arqueologia é uma disciplina autônoma e não apenas fornece elementos para ilustrar os textos canônicos que chegaram até nós. Ou seja, partilho da noção na qual a disciplina possui métodos próprios para o estudo do passado, o que significa que a cultura material, quando analisada, nos oferece elementos que podem contradizer o texto ou apontar aspectos nele inexistentes, trazendo, portanto, a possibilidade de uma visão mais ampla acerca do cotidiano daqueles que viveram no passado greco-romano. Para além disso, a perspectiva que assumo, que está em contato com a Arqueologia histórica pós-processual e pós-colonial, pressupõe, também, a inserção do/a profissional no seu tempo presente. Ou seja, essa postura não escapa das discussões políticas, como apontava Peter Ucko nos anos 1990, mas sim busca uma discussão apurada da metodologia e uma postura crítica diante do contexto social em que a interpretação é produzida. De maneira bem resumida, é possível afirmar que a base da perspectiva que trabalho está inspirada e fundamentada em trabalhos de arqueólogos como Shanks (1988; 1998), Hodder (1995; 1999), Trigger (1988), Funari (1994; 1997; 1999a; 1999b; 2002; 2006; 2008), Hingley (1996; 2000; 2001; 2002; 2010), Jones (1997; 1999), pois cada um a seu modo e em seu campo

de especialidade defende que a Arqueologia é disciplina autônoma e, assim como todas as outras, passa pela subjetividade daquele que delinea sua pesquisa.

Isso significa assumir que a interpretação da cultura material em seus múltiplos aspectos depende da relação política que se estabelece entre passado e presente e a produção do discurso. Se, como afirma Hodder (1989), o arqueólogo é um estudioso da mudança cultural a partir dos artefatos escavados ou que chegaram até nós, como devemos nos posicionar? A resposta para essa pergunta não é simples, mas poderia elencar aqui alguns elementos para nortear nossa reflexão. Em primeiro lugar, é preciso pensar que, mesmo ao estarmos trabalhando com artefatos e sua materialidade, qualquer que seja, eles não são neutros, pois podem produzir múltiplas interpretações para os sujeitos daquele momento como para os estudiosos que os interpretam. Nesse sentido, é preciso pensar que a cultura material pode ter tido vários usos no passado e pode servir de base para os discursos dos arqueólogos no presente. Seguindo a proposta de Hodder (1989), a cultura material é polissêmica e para que possa ser entendida em sua complexidade é preciso ter uma postura crítica de como os arqueólogos a interpretam no presente, ou seja, para além de conhecer o contexto histórico é preciso conhecer as relações de poder do presente. Isso significa que o movimento do pesquisador deve ser duplo, precisa entender o que é o artefato, mas também perceber que foi lido por estudiosos que, por exemplo, ajudaram a definir a Grécia como berço da civilização Ocidental ou Roma como modelo de império.

Outros pontos importantes para essa discussão, segundo Hodder e Shanks (1998): o/a arqueólogo/a precisa assumir responsabilidade por suas ações no presente, a Arqueologia como disciplina dá sentido às coisas, então é ativa e não neutra, nunca há verdades pré-definidas ou únicas, são posições construídas, o trabalho do pesquisador precisa ser multivocal e plural, é preciso saber construir posições críticas. É uma busca, portanto, pelo reconhecimento da parcialidade, pela defesa de uma postura na qual o conhecimento produzido está sempre aberto a novos desafios e mudanças de percepção, que envolve escolhas e, portanto, tomada de posição política.

A partir dessas ponderações, é possível perceber que considero tanto a História como a Arqueologia Clássica como discursos sobre o passado greco-romano e, portanto, formadores de noções de identidade e maneiras de ver o mundo no passado e presente. Essa percepção é fundamental para compreender aquilo que Weedon e Jordan (1995) denominam de cultura política – *cultural politics*: sistema de valores que passa pela língua,

pelas instituições, pelo sistema educacional, mídia, leis, organizações religiosas que estabelecem as desigualdades sociais, gênero e raça em nosso mundo contemporâneo. Pensando no caso dos Estudos Clássicos, em especial História e Arqueologia, é preciso descentrar e desconstruir as construções culturais, seus significados e valores para produzir discursos mais plurais, isto é, é preciso assumir e questionar o lado eurocêntrico da construção da identidade ocidental e como gregos e romanos foram entendidos como os povos mais aptos à civilização que a miríade de outros com os quais entraram em contato. Em poucas palavras, como afirma Hingley em diversos trabalhos (1996; 2000; 2001; 2002; 2010), não é questionar a existência do Império Romano, por exemplo, mas as interpretações romanocêntricas e elitistas que nublam as relações cotidianas com povos nativos ou que não pertencem as elites locais.

Temos, portanto, vários desafios: 1. Pensar que as instituições de ensino – escolas e universidades – definem, como destacam Weedon e Jordan (1995, p. 16), formas de subjetividade, identidades, valores sociais; 2. Destacar a importância da cultura material para pensar o mundo greco-romano; 3. Trabalhar a pluralidade de significados que a cultura material pode apresentar no passado e presente e, por fim, 4. Pensar que tipo de construção do passado romano ou grego gostaríamos de discutir com os alunos em sala de aula. Todos esses pontos nos levam a refletir sobre como trabalhar em sala de aula, sobre como estimular aos/as graduandos/as a construir conhecimento sobre um passado considerado tão antigo de maneira crítica e que provoque reflexão sobre o nosso tempo presente. São desafios grandes, com certeza, mas a Arqueologia desempenha um papel importante nesse processo e, entre erros e acertos, acredito que algumas experiências têm se mostrado bastante interessantes.

Como a ementa sobre Grécia e Roma do curso de História da UFPR é bastante extensa, tenho feito vários recortes e intercalado as aulas de conteúdo e periodização com discussões pontuais sobre alguns temas de Arqueologia. Tenho trabalhado basicamente com cerâmica e inscrições. As cerâmicas, no caso grego, seriam as de uso cotidiano, mais simples, mas também as com imagens de figuras negras e vermelhas – podem ser acessadas em livros específicos, mas também por plataformas *on-line* como a Beazley, o que sempre surpreende aos alunos.⁵ O mundo as imagens é uma ferramenta importante para a produção de conhecimento crítico: permitem pensar sobre mitologia,

⁵ Cf. o site: <http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm>

religiosidade, esporte, nudez, relações de gênero, práticas sexuais, conhecer diferentes atividades de trabalho e sujeitos de diferentes extratos sociais, além é claro da funcionalidade e tipologia de cada vaso. Já entre os romanos, os estudos de economia a partir das ânforas e dos bancos de dados *on-line* do CEIPAC proporcionam aos alunos uma visão mais ampla da administração do Império, do papel do exército e permitem pensar as olarias, o trabalho escravo, os soldados de alto e baixo escalão, as elites que administravam as cidades.⁶ A partir dessa perspectiva, ao inserir a cerâmica entre as aulas sobre Heródoto ou Políbio, por exemplo, é possível romper com as visões preconcebidas dos alunos sobre Grécia e Roma, problematizando conceitos e modelos interpretativos.

Outro aspecto que costumo trabalhar é a questão do espaço da escrita. Embora a cultura material nos permita perceber o mundo dos ágrafos, pensar a escrita e sua difusão durante o Império Romano na sua materialidade e diversidade é um outro tema bastante relevante. Conhecer os instrumentos de escrita, as diferentes formas de letras e estilos, a diversidade da grafia do latim bem como a irreverência dos grafites de parede romano com o alfabeto greco-latino e as línguas é algo que costuma ser bastante produtivo em sala de aula.⁷ Das lápides diversas às paredes de Pompeia é possível pensar as diferentes camadas da população, origens étnicas, histórias de vida, mesmo que fragmentadas, além de estimular aos alunos o estudo da língua latina e sua variabilidade. Pensar sobre o cotidiano de pessoas que viveram e morreram sob a administração romana significa, também, refletir sobre gostos, sentimentos, conflitos e amores, tornando a vida de romanos e romanas, livres ou libertos e de escravos, mais plural. Seus registros de próprio punho ou as suas memórias deixadas por seus amigos e parentes chamam a atenção dos alunos pela imediaticidade, pela espontaneidade, enfim, pela diversidade. Por essas razões, o estudo da cerâmica, das imagens ou das diversas formas de escrita, propiciam abertura para a pluralidade dos sujeitos históricos, muitas vezes marginalizados nos discursos acadêmicos.

Se, como comentei desde o início, é importante pensar em um duplo movimento, esses exemplos permitem pensar o cotidiano do mundo grego ou romano, bem como questionar meta-narrativas excludentes baseadas na ideia de superioridade europeia. É um meio que permite retirar os clássicos do seu pedestal e reinseri-los no contexto

⁶ Cf. o site: <http://ceipac.gh.ub.es>

⁷ Há bastante bibliografia sobre grafites de Pompeia no Brasil, cf, por exemplo: Feitosa (2005); Funari (1986 e 1989).

histórico, estimulando ao/a acadêmico/a pensar sobre o passado greco-romano, suas diversas leituras, as formas de legitimação de valores das elites, assim como sua potencialidade crítica e libertária. A partir de um contato com a pluralidade de documentos e interpretações, os/as alunos/as se sentem estimulados a buscarem alternativas didáticas para o ensino da Antiguidade nas escolas a partir de perspectivas menos focadas nos homens das elites, tão comuns em nossos livros didáticos, criando a possibilidade de se entender a Antiguidade em sua multiplicidade.⁸

Considerações finais

Todas as experiências de ensino aqui comentadas são inspiradas em abordagens mais recentes sobre o papel de Grécia e Roma na modernidade e, também, na importância de se aproximar do passado clássico de maneira crítica, levando em conta não só os textos, mas também a cultura material. Esse esforço segue a proposta de Settis (2006, p. 8), na qual afirma que é urgente retirarmos os clássicos do Olimpo e dar-lhes substância. Ou, em outras palavras, é preciso, com urgência, rever nosso olhar sobre o passado greco-romano como definitivo, estanque, como mito de origem nobre para o Ocidente e pensar pelo viés da alteridade, pelo desafio da diversidade.

Conforme o exposto, acredito que o diálogo entre História e Arqueologia Clássica, a partir de uma perspectiva crítica, é um meio pertinente para incentivar novas abordagens nas salas de aula e nas pesquisas geradas nas universidades, pois permite um deslocamento dos jargões excludentes das elites e a construção de modelos interpretativos mais plurais, além de ajudar a pensar a diversidade no passado e no presente. Entender como as culturas historicamente se conectam umas com as outras a partir de uma perspectiva crítica e rever os discursos de poder presentes na academia e nas escolas é, para mim, um exercício de democracia e a Arqueologia pode contribuir na construção de modelos menos normativos e mais plurais. Por fim, mas não menos importante, olhar as práticas e normas a partir das margens significa sensibilizar as pessoas para a ação no mundo, celebrando a potencialidade da vida em suas múltiplas

⁸ Cabe ressaltar que tivemos duas experiências bem interessantes sobre essa perspectiva: 1. Projeto Grécia e Roma na escola que realizei em 2010-2011 com meu colega do latim Alessandro Rolim de Moura; 2. Laboratório de História Antiga que está sendo ministrado no segundo semestre de 2013 no qual pretendemos, a partir das discussões apresentadas, propor materiais didáticos mais atualizados.

formas. É também um convite a todos/as graduandos/as e pós-graduandos/as a se debruçarem sobre novas perspectivas de se entender o mundo clássico e contribuir para inserir o Brasil em um patamar mais amplo de excelência de pesquisa na área.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Gilvan Ventura da Silva e Ana Penha Gabrecht pelo convite para participar desse volume da *Romanitas* e também aos seguintes colegas: Isabella Tardin Cardoso, Patrícia Prata e Pedro Paulo Funari pelo convite para participar do *Fórum Antiguidade Greco-romana e o Ensino Superior: instrumentos e perspectivas* realizado na Unicamp em agosto de 2013, onde apresentei uma versão preliminar desse artigo e a Glaydson José da Silva e Júlio César Magalhães pelo debate e comentários na ocasião do evento. Agradeço também aos alunos da UFPR que sempre me desafiam e inspiram a pensar a relação entre Estudos Clássicos e Ensino. Institucionalmente, agradeço ao Departamento de História da UFPR, ao CPA e CEC-IEL, ambos da Unicamp. A responsabilidade pelas ideias aqui expostas recai apenas sobre a autora.

Referências

- CARLAN, C. U. O Museu Histórico Nacional e as moedas de Constantino I. *História Revista (UFG)*, v. 12, p. 177-403, 2008.
- CARLAN, C. U. Poder, imagem e Arqueologia: a iconografia monetária e o exército romano. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 6, p. 7-14, 2007.
- CARLAN, C. U. Numismática/Documento/Arqueologia: a cultura material e o ensino da História. *Cadernos de história (UFU)*, v. 1, p. 5-28, 2006a.
- CARLAN, C. U. Numismática: "lendo" a moeda como fonte histórica. Um documento alternativo. *Revista eletrônica História e História*, 2006b.
- FEITOSA, L. C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FUNARI, P. P. A. Brasileiros e romanos: colonialismo, identidades e o papel da cultura material. In: CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. (Org.). *Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortiu, 2008, p. 179-186.

- FUNARI, P. P. A. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, L. (Org.) *História na sala de aula* – conceitos práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-108.
- FUNARI, P. P. A. Class interests in Brazilian archaeology. *International Journal of Historical Archaeology* 6, 3, p. 209-216, 2002.
- FUNARI, P. P. A. Brazilian archaeology, a reappraisal. In: POLITIS, G.; ALBERTI, B. (Ed.). *Archaeology in Latin America*. London: Routledge, 1999a, p. 17-37.
- FUNARI, P. P. A. Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da História da colonização da América do Sul. *Tempos Históricos*, n. 1, p. 11-44, 1999b.
- FUNARI, P.P.A. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology*, 5, 2, p. 137-148, 1997.
- FUNARI, P. P. A. Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil. In: STONE, P. G.; MOLINEAUX, B. L. (Ed.). *The Presented Past, Heritage, museums and education*. London: Routledge, 1994, p. 120-136.
- FUNARI, P. P. A. *A vida popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FUNARI, P. P. A. Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia: da vertical da cidade ao horizonte do possível. *Revista Brasileira de História*, n. 7, v.13, p. 33-48, 1986.
- GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A.; PINTO, R. O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes. In: HINGLEY, R. *O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 09-25.
- HINGLEY, R. *O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.
- HINGLEY, R. Imagens de Roma: uma perspectiva inglesa. Tradução de Renata Senna Garraffoni e revisão de Pedro Paulo A. Funari. In: FUNARI, P. P. A. (Org.) *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas, IFCH-UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n. 47, março de 2002.
- HINGLEY, R. (Org.). Images of Rome: perceptions of Ancient Rome in Europe and the United States in the Modern Age. *Journal of Roman Archaeology, Supplementary Series* 44, 2001.
- HINGLEY, R. *Roman officers and English gentlemen* – the imperial origins of Roman Archaeology. London: Routledge, 2000.

- HINGLEY, R. The "legacy" of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization. In: WEBSTER, J.; COOPER, N. (Org.). *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*. Leicester: University of Leicester Press, 1996, p. 35-48.
- HODDER, I. *Reading the past – current approaches to interpretation in Archaeology*. Cambridge: CUP, 1999.
- HODDER, I. *Theory and practice in Archaeology*. London: Routledge, 1995.
- JONES, S. Historical categories and the *praxis* of identity: the interpretation of ethnicity in Historical Archaeology. In: FUNARI, P. P. A. *et alli* (Org.) *Historical Archaeology: back from the edge*. London: Routledge, 1999, p. 219-232.
- JONES, S. *The Archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present*. London: Routledge, 1997.
- LAURENCE, R. The uneasy dialogue between Ancient History and Archaeology. In: Sauer, E.W. (Ed.) *Archaeology and ancient history: breaking down the boundaries*. London: Routledge, 2004, p. 99-113.
- SETTIS, S. *The future of the "classical"*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- SHANKS M.; TILLEY, C. *Re-constructing Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In: WHITLEY, D. S. (Org.) *Reader in archaeological theory: post processual and cognitive approaches*. London: Routledge, 1998, p. 69-94.
- TRIGGER, B. G. *A History of Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- UCKO, P. Archaeological interpretation in a world context. In: UCKO, P. *Theory in Archaeology: a world perspective*. London: Routledge, 1995, p. 1-27.
- WEEDON, C.; JORDAN, G. *Cultural Politics: class, gender, race, and the postmodern world*. Malden: Blackwell publishers, 1995.